

4

O riso

4.1

O riso universal

O riso já vem sendo objeto de investigação de estudiosos de várias áreas do conhecimento, tais como a filosofia e a psicologia. Na Antiguidade, Aristóteles p.ex. já se havia ocupado do tema. As ideias defendidas por Platão em seu *Filebo* marcaram a filosofia durante muitos séculos, tendo sido mais tarde por assim dizer encampadas pela teologia medieval: a poesia, a comédia e o riso seriam condenáveis pois estariam duplamente erradas, já que afastariam o ser humano de seu ideal: o filósofo, sempre em busca da verdade. A comédia e o riso estariam para Platão igualmente ligadas “ao elemento inferior da alma humana, a parte irrazoável e distante da sabedoria”¹. A relação entre o pensamento e o riso se dá então na sua não-existência, já que o último é um empecilho à chegada à sabedoria, prazer maior ao qual deve aspirar o filósofo.

Como bem lembra Weeber (2006), não se pode, porém, negar que foram os gregos aqueles que criaram a comédia. Segundo o autor, o humor que causa o riso pode ser encontrado mesmo em textos clássicos como em Homero e Aristófanes (Weeber 2006 : 92 ff).

Aristóteles também se debruçou sobre o tema, porém de modo menos incisivo e negativo. Embora não se possa dizer que haja uma teoria completa sobre o riso (supõe-se que ele pode ter tratado do no volume perdido da *Poética*), as ideias esparsas encontradas em sua obra deram duas definições que influenciaram durante muitos séculos o pensamento filosófico; uma delas tem valor até os dias de hoje: o cômico seria uma deformidade ou torpeza que não implica dor nem destruição. Além disso, ele foi o primeiro a constatar que o riso é

¹ (Alberti 2002 : 44)

específico do ser humano – algo que nos parece hoje totalmente pertencente ao senso comum.

A diferença entre o pensamento de Platão e Aristóteles aparece na definição de Alberti (2002 : 48):

Verifica-se então a distância entre essa concepção e aquela que ressalta do *Filebo* e de *A República*: a comédia e o cômico não são ligados de antemão a valores negativos, a nada que possa lembrar o desconhecimento de si e a inveja, que opõem o prazer cômico ao prazer verdadeiro do conhecimento. A representação de homens baixos, apesar de seu cunho eticamente negativo, não implica uma inferioridade a *priori* da comédia, que é tão legítima quanto a tragédia do ponto de vista da criação poética.

Aristóteles tratou da forma da expressão poética, à qual está ligada em seu pensamento a comédia, conferindo-lhe status de filosofia (cf. Alberti 2002 : 48). Segundo ele, a expressão poética deveria ser clara, mas não banal, devendo sim lançar mão da metáfora, porém não em exagero, pois assim atingir-se-ia o cômico. Aristóteles foi também o primeiro a tratar do que muito mais tarde Schopenhauer retomaria em sua teoria da incongruência, ao falar da importância do fator surpresa: a utilização de uma palavra por outra seria o estopim do riso. Tal efeito seria para Aristóteles recomendável para os oradores, para que pudessem desviar a atenção dos ouvintes dos fatos.

Para Aristóteles, o cômico era então, segundo Scliar (1999 : 92) “nada mais é do que um aspecto do feio, mas de um feio não doloroso ou destrutivo, exemplo disto sendo as máscaras cômicas usadas na comédia, que se caracterizavam exatamente por isso, pela feiura.”. O termo “humor” denominava naquela época os vários tipos de estados da alma, que dependiam dos “humores”, substâncias que todo ser humano possuía dentro de si, e só uma dose equilibrada de todos “humores” garantia uma pessoa equilibrada.

Mais tarde, o Romano Cícero analisou o riso como instrumento de retórica, que deve ser usado para amenizar o discurso - mas com bastante parcimônia. Ele dividiu o riso entre o suscitado pelas coisas e o suscitado pelas palavras. Interessante é notar, como diz Alberti (2002 : 62), que entre as “coisas” estariam categorias como “possível, mas impróprio; a surpresa e o inesperado – que podemos identificar como aquelas em que o risível resulta do *pensamento*.” (grifo no original). O que indica que a essas categorias pressupõem uma ligação entre o que é dito e o que é pensado, em uma relação de paridade: o que se diz não

corresponde ao que eu pensei ou esperava ouvir, daí o riso.

De qualquer modo, pode-se notar aqui uma visão em conformidade com a tradição filosófica, de cunho representacionista: a língua serve para representar as ditas afecções da alma e essas são iguais para todos. Se o que foi dito não corresponde àquilo que o ouvinte imaginou, é porque essa relação foi equivocada, pois dado o contexto, ele havia esperado ouvir outra coisa. Porém, isso não significa que aquilo que em um dado momento foi causador de riso – por sua incongruência - não seria uma representação correta, em outro contexto.

Para Quintiliano, como já teriam dito Cícero e Aristóteles, o riso advém de uma deformidade ou torpeza. Ele também divide o riso entre aquele causado pelas palavras e aquele causado pelas ações. O mais importante em sua obra parece ser a afirmação transcrita por Alberti (2002 : 67):

(...) do ponto de vista da relação entre o riso e o pensamento, encontramos em Quintiliano duas asserções particularmente interessantes. A primeira, no início do texto, destaca, entre as dificuldades de tratamento do assunto, o fato de julgarmos um dito espirituoso de modos variados, “porque não o avaliamos de acordo com um *princípio racional*, mas por uma espécie de propensão do espírito, de que mal podemos dar conta”. A segunda asserção informa que “todo sal de uma palavra está na apresentação das coisas de uma maneira contrária à lógica e à verdade.”

Retornamos assim à noção segundo a qual o riso estaria sim ligado ao pensamento, mas de maneira irracional, o que seria conseqüentemente ilógico. Na verdade, segundo Alberti (2002), o fato de Quintiliano situar o riso fora da lógica não deve ser visto, porém, como algo negativo. O *ridiculum* não obedeceria aos princípios racionais segundo os critérios definidos pela filosofia clássica, mas teria sua própria lógica.

A filosofia medieval não se apropriou dos ensinamentos de Cícero e Quintiliano sobre o riso, tendo ido buscar nas fontes gregas a definição do riso como aquilo que nos distingue dos animais. Diferentemente, porém, da Antiguidade grega, o riso medieval - influenciado pelo Cristianismo, que afirmava que Jesus nunca havia rido – nos separava de Deus. Daí a proibição do riso, ou pelo menos seu repúdio teórico – o que na prática não funcionava, tendo a Idade Média sido marcada pela “cultura do riso” segundo Bakhtin (1993). Para São Tomás de Aquino, por outro lado, o humor era necessário à vida. Segundo Lauand (2000):

Ao tratar do brincar na *Suma*, a afirmação central de Tomás (fundamentada na concepção de ética que indicamos) encontra-se no ad 3 do art. 3: *Ludus est necessarius ad conversationem humanae vitae*, o brincar é necessário para a vida humana (e para uma vida humana). (...) Tomás afirma que assim como o homem precisa de repouso corporal para restabelecer-se (sendo suas forças físicas limitadas, não pode trabalhar continuamente), assim também precisa de repouso para a alma, o que é proporcionado pela brincadeira.

Thomas Hobbes (*apud* Neumann 2001) via no riso uma demonstração de superioridade. O ser humano riria das fraquezas do outro, porque assim asseguraríamos nossa boa opinião sobre nós mesmos. Henri Bergson (1983), em seu famoso livro *Le Rire* investiga a o porquê de algumas coisas serem cômicas e outras não. Assim como Hobbes, ele definiria para muitos o riso negativamente, pois para ambos, rir teria uma função coercitiva: a de obrigar o indivíduo a se adaptar às regras da sociedade - principalmente pessoas distraídas e sonhadoras, que não prestariam a devida atenção às regras. Tais pessoas seriam um perigo para a sociedade, pois tenderiam a se tornar excêntricas i.e. fora do “centro”, das normas da sociedade.

A sociedade veria qualquer tipo de fuga à norma como negativa e reagiria com o riso punidor. Não somente se ri do distraído, sonhador, como também daqueles que têm algum tipo de anomalia: corporal ou mental, pois essas anomalias subverteriam a harmonia necessária ao bom andamento da sociedade. Muitas de tais motivos de riso foram considerados nas últimas décadas não aceitáveis, inadequados, no contexto do politicamente correto. Isso não significa, logicamente, que tenham sido banidas definitivamente piadas étnicas, sobre homossexuais ou deficientes físicos, mas esse movimento reflete uma conscientização crescente das mudanças nas sociedades atuais, nas quais mais formas são consideradas “normais” e não “excêntricas”.

Freud (1996) também se debruçou sobre o tema humor em seu livro *O Chiste e a sua relação com o Inconsciente*, e constatou uma relação entre o riso e os sonhos, como mecanismos de auto-defesa que permitem que o ser humano trabalhe suas emoções e decepções, como uma válvula de escape. Como judeu, ele também tratou do humor tipicamente judeu, mas sempre tratando de características mais universais, apesar de usar piadas com personagens judaicos.

Como ele tratou no texto citado do que se traduziu por “chiste” (*Witz*, no original, que significa piada em alemão), não encontramos subsídios para nosso estudo sobre os humores nacionais, por assim dizer. Como disse Possenti (2005),

a piada parece ter uma estrutura praticamente universal e opera com elementos linguísticos idênticos em todas as línguas/sociedades: incongruências e quebras de expectativas. Ainda que Freud tenha escrito mais tarde (1927) um artigo denominado *O humor*², em que ele discorre sobre o humor sem se referir somente às piadas, ele em nada acrescenta ao nosso estudo.

4.2

Do riso universal ao humor específico

Todos os estudiosos citados em 1.1 partem de uma visão universal, vendo o humor como fenômeno inerente a todo ser humano, o que certamente procede, como diz Nevo (2001):

Theoretically, there is no reason to assume differences in basic cognitive or physiological processes of humor mechanisms across cultures. All cultures laugh and smile at incongruities and their solutions; mechanisms such as surprise, superiority, and tension relief are universal.³

Contudo, há diferenças entre as culturas no que se refere ao entendimento do que é humor. Costuma-se afirmar, p.ex., que os ingleses *têm* senso de humor, diferente, porém daquele dos brasileiros. Já dos alemães se diz que não possuem humor. Os títulos de vários livros editados na Alemanha dão conta da percepção dos próprios alemães de seu caráter pro assim sisudo, como um clássico sobre essa temática: *Volk ohne Witz – über ein deutsches Defizit* (Povo sem graça – acerca de um déficit alemão), de Otto Best. É curioso notar que há muitos estudos acerca do humor ou da falta de humor dos alemães. Tal falta de humor teria razões históricas. Sobre os brasileiros parece ser consenso o fato de sermos “bem-humorados”. Spier (2005 : 12-13) explica da seguinte maneira esse “déficit” alemão:

Dentre os estereótipos sobre os alemães está sua falta de humor. O romanista Otto Best vê as raízes desse estereótipo na histórica tentativa de diferenciação em relação à França. (...) Após a ocupação das tropas de Napoleão no começo do

² Disponível em: <http://www.meucci.com.br/wp-content/uploads/2010/08/Freud-O-Humor.pdf>.

³ Teoricamente, não há nenhuma razão para se crer em diferenças nos processos cognitivos e fisiológicos básicos do mecanismo do humor nas diferentes culturas. Todas as culturas riem e sorriem de incongruidades e suas dissoluções; mecanismos tais como surpresa, superioridade e liberação da tensão são universais.

século 19, os anseios de fundação de um estado nacional tornaram-se cada vez maiores. Para a fundação de um estado nacional era necessário definir-se internamente mas também em contraste em relação à França a partir de certas características “alemã”. Nesse processo de auto-definição, foram definidos como franceses atributos como espirtuosidade, ingeniosidade, graça, rapidez de reação espirtuosa, elegância, jeito leve de levar a vida, frivolidade, coqueteria, falsidade e superficialidade, enquanto o alemão se definia como profundo (“Terra dos poetas e pensadores”), aplicado, econômico, grosseiro, honesto, consciencioso e bem sério. A piada/grança não era mais bem vista na Alemanha.⁴

Obviamente, é sabido que todos os seres humanos riem, uns mais, outros menos. O que Spier e outros estudiosos do assunto explicitam é a característica estereotípica de serem os alemães um povo que ria menos que outros e veria a si mesmo como tal, da mesma forma que um brasileiro pode ser sério a despeito da “alegria” supostamente reinante no Brasil.

O que diz Nevo (2000), em seu estudo sobre o humor em Cingapura, cidade multicultural e multirracal, é que:

(...) cultural preferences may affect both the specific content and the perception of incongruities and their resolutions, as well as the interpretation of the surprise element. Each culture has its own set of values, norms, and unwritten rules of what is appropriate in humor, and these largely determine its content, target, and style.⁵

Segundo Neumann (2001), pode-se afirmar que o humor de uma sociedade reflete as normas dessa sociedade, por tanto, seriam pertinentes as perguntas: do que riem – e sim riem - os alemães? Do que riem os ingleses? Ambas foram a base de sua tese de mestrado na Universidade Humboldt de Berlim, na qual comparou *sketches* de dois programas humorísticos considerados representativos das duas culturas – a inglesa e alemã. Segundo Gelfert (1998 *apud* Neumann

⁴ Zu den Stereotypen über die Deutschen gehört ihre Humorlosigkeit. Der Romanist Otto Best leitet dieses Stereotyp von der historischen Abgrenzung zu Frankreich ab. (...) Nach der napoleonischen Besetzung Anfang des 19. Jahrhunderts wurden die Bestrebungen, einen Nationalstaat zu bilden, immer stärker. Für die Gründung eines deutschen Nationalstaates war es notwendig, sich im Selbstverständnis wie auch in der Kontrastierung gegenüber Frankreich über bestimmte “deutsche” Eigenschaften zu definieren. Im Zug dieser Abgrenzung wurden dem westlichen Nachbarn und Konkurrenten Frankreich *Esprit*, Geist, Witz, Schlagfertigkeit, Eleganz, Leichtlebigkeit, Frivolität, Koketterie, Falschheit und Oberflächlichkeit zugeschrieben, wogegen sich der Deutsche als tief (“Volk der Dichter und Denker”), gemütvoll, fleißig, sparsam, grob, ehrlich, gewissenhaft und (bier!)ernst abgrenzte. Der Witz geriet in Deutschland in Verruf.

⁵ (...) preferências culturais podem afetar tanto o conteúdo específico quanto a percepção de incongruências e suas dissoluções, bem como a interpretação do elemento surpresa. Cada cultura tem seus próprios valores, normas e regras não escritas do que é humor apropriado, e isso determina basicamente seu conteúdo, objetos e estilo.

2001), o humor alemão seria ingênuo, profundo e moralizante, enquanto o inglês seria impiedoso, anárquico e não teria uma mensagem moralista. Para o autor, tais diferenças teriam sua origem no desenvolvimento histórico de cada país: para o alemão, o humor serviria para restaurar a harmonia (cf. Bergson), defender ou criticar o Estado.

O humor britânico, por outro lado, tenderia a ser sadista e irônico consigo mesmo. Sua relação com as autoridades não seria de “cima para baixo”, como no caso do alemão. Os alemães teriam durante séculos vivido em condições pouco democráticas e em fronteiras incertas – a unificação alemã se deu, a exemplo da italiana, só no final do século XIX - o que teria levado a intelectualidade de língua alemã a se refugiar em especulações filosóficas e ideais metafísicos do Estado como instância moral.

O humor inglês teria se desenvolvido por sua vez em uma sociedade que já construía bem cedo estruturas democráticas e que havia desenvolvido um sentido de cidadania. Devido ao fato de a sociedade inglesa já possuir bem enraizadas as normas da sociedade, o humor podia ser visto como um elemento de liberdade individual que não atentariam contra a base da sociedade. O humor inglês seria, então, uma expressão de uma sociedade igualitária e democrática, enquanto o humor alemão seria um reflexo de uma sociedade ainda insegura quanto à sua identidade política e cultural.

Em sua conclusão, Neumann (2001) crê ter provas para a tese de que o humor alemão está se modificando e, em alguns pontos, se assemelhando ao inglês. Parece que o motivo é o fato de a Alemanha ter se tornado um país democrático, em que os cidadãos não mais precisam se distanciar ou proteger o Estado. Ainda assim, haveria vários pontos que refletiriam um humor mais tipicamente alemão, menos ácido p. ex. que o inglês. No presente estudo, pretendemos analisar o corpus para descobrir até que ponto essa afirmação de Neumann pode ser generalizada para outros humores nacionais e se já se pode falar de temas ou mecanismos do humor com características universais.

O fato de o riso ser comum a todos os humanos é algo que foi (re)afirmado por Propp e Bergson, como nos diz Brito (2008 : 39):

Para ambos autores [Bergson e Propp], o riso é um fenômeno de caráter eminentemente humano, o que implica dizer que só existe comicidade, e conseqüentemente o riso, no que é propriamente humano, ou seja, só é risível

aquilo que se assemelha ao homem ou que, de alguma forma, remeta à sua presença. Esta concepção levou-os a compartilhar uma outra noção, também presente no trabalho de outros estudiosos deste fenômeno, que é o aspecto social atribuído ao riso.

Por esse motivo, rimos também de animais, mas só quando esses apresentam um comportamento „humano“. Além disso, como afirma Brito (2009 : 39) apoiando-se ainda em Propp e Bergson, o humor depende não só da cultura como também do período histórico:

Dentro deste prisma, Propp (1992, p. 21) acrescenta que “[...] não só há diferenças de humor entre os povos de culturas diversas, mas também entre épocas diferentes”. Para este autor, cada época e cada povo, possuem seu próprio e específico sentido de humor e de cômico. Este sentido, é importante ressaltar, torna-se incompreensível e inacessível em épocas diferentes e este fenômeno varia de acordo com o contexto épico, os valores sócio-culturais e experiências vivenciadas pelos indivíduos que compartilham de uma mesma realidade social, sem esquecer também da linguagem utilizada nas situações comunicativas.

Da mesma opinião são os dois estudiosos holandeses Roodenburg e Bremmer (2000) em cuja obra *Uma história cultural do humor* é traçada a trajetória do humor na Europa desde a antiguidade até os nossos dias. Segundo eles Roodenburg e Bremmer (2000 : 15-16), o humor é construído socialmente e varia de acordo com o período histórico:

Estudiosos certamente tentaram encontrar tal coerência. De Freud e Bergson a Mary Douglas, psicólogos, sociólogos e antropólogos têm se empenhado em encontrar uma teoria abrangente para o humor e o riso. Uma falha comum a todas essas tentativas é o pressuposto tácito de que existe algo como uma ontologia do humor, que humor e riso são transculturais e anistóricos. Contudo, o riso é fenômeno tão determinado pela cultura quanto o humor.

Para eles, portanto, o riso seria distinto do humor e culturalmente determinado. Humano sim, porém condicionado pela sociedade e suas regras.

4.3

Riso ou humor?

Os termos riso, humor, e mesmo cômico são utilizados por vezes quase como sendo sinônimos e intercambiáveis. Após a leitura e estudo de vários estudiosos já mencionados neste trabalho, o riso é no nosso entendimento aquilo que vários autores trataram como sendo universal e que é explicado por teorias já mencionadas no presente trabalho. O humor a ser tratado aqui é, por outro lado, o

conjunto de temas e os mecanismos que desencadeiam o riso em cada cultura específica.

Para tanto, partiremos principalmente da teoria de Bergson, que considera a inflexibilidade do indivíduo em não se adaptar às regras da sociedade como o motivo do riso. O riso seria por assim dizer o resultado do humor. O humor por sua vez é determinado por cada cultura e depende, portanto, do entendimento das regras específicas a serem seguidas, i.e. os temas dos quais se poderia rir de algo/alguém ou achar engraçado alguma coisa. Consideramos, com Travaglia (1990 : 66) que o humor e o riso na verdade são indissociáveis:

Não concordamos com esta separação de humor e riso. Para nós o humor está indissolúvelmente ligado ao riso e é apenas o riso que diferencia o humor de outras formas de análise crítica do homem e da vida, de outras formas de rebelião contra o estabelecido, o controle social e o impedimento dos prazeres e o conseqüente desequilíbrio e reestruturação do mundo sócio-cultural; (...) Podemos concordar com o fato de que o humor não tem compromisso com o riso audível, a risada e a gargalhada que parece ser aquilo a que se referem quando desvinculam riso de humor.

Assim como Bergson e Travaglia, vemos no riso uma das possíveis expressões do humor: a gargalhada não é necessariamente o resultado de uma situação de humor ao assistirmos os dois programas de televisão objeto de estudo da presente pesquisa. O humor deve ser entendido, então, nos termos de Bergson e Travaglia, como advindo de uma reação a algo, uma situação na qual os membros de uma determinada sociedade se reconhece, tal como um espelho.

No entanto, ainda que Bergson se referisse à inflexibilidade do indivíduo ao não se adaptar às regras da sociedade mesmo em situações mais banais, como o exemplo da pessoa que tropeça e é “punida” pelo riso pela sua desatenção, não nos ateremos a situações do tipo “pastelão” ou “videocacetadas” que parecem ser hoje realmente universais⁶: o riso que beira aquilo que já foi descrito com o termo alemão *Schadenfreude*.

Wierzbicka

(1999 : 103-104) tratou do termo „tipicamente alemão“ *Schadenfreude* - mas que já é usado em inglês - explicando-o através de sua semântica natural metalinguística. O fato de alguém se regozijar de algo de ruim que aconteceu a

⁶ Basta assistir a qualquer programa de vídeos supostamente engraçados na televisão brasileira (Videocacetadas) , alemã (*Versteckte Kamera*) ou de qualquer outro país, para se dar conta de que as situações são sempre as mesmas: surpresa, queda, susto – e os vídeos veiculados são provenientes de países do mundo inteiro.

outrem não é, contudo, algo que só ocorre na Alemanha e nos países de língua alemã. No entanto, o fato de existir em uma determinada cultura uma palavra que condense esse sentido significaria que esse sentimento é bastante difundido na mesma? A julgar pelos vídeos na internet, não. De qualquer modo, não é esse o humor que pretendemos investigar.

4.4

Laune, Humor versus humor

As palavras encerram significados que são negociados pelos membros de uma comunidade linguística. Mesmo palavras aparentemente culturalmente neutras têm seu sentido mediado por experiências de mundo coletivas e pessoais. Assim, a palavra cachorro terá um sentido diferente para um brasileiro e para um chinês. Ainda que se refira a um animal conhecido por praticamente todos os povos da terra, as associações que se fazem com ele são bastante diversas: o brasileiro pensará em um animal de estimação, enquanto um chinês poderá pensar também em alimento e um muçulmano em um animal impuro.

Quando se trata de substantivos mais abstratos, o problema se torna ainda maior. O caso da palavra saudade é típico, pois seria um sentimento exclusivo dos falantes do português. Na verdade, o idioma alemão conhece várias palavras para saudade, uma mais abrangente *Sehnsucht* e outras mais específicas *Heimweh*.⁷ Pode-se dizer então que o alemão não tem saudade? Ou faltaria talvez a melancolia associada à saudade?

No caso do humor, há de se fazer uma análise de como esse termo é expressado no português brasileiro e no alemão. No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, são listados, além dos significados usados na medicina, as seguintes acepções.

4. (1665) p.ext. estado de espírito ou de ânimo; disposição, temperamento
5. p.ext. comicidade em geral; graça; jocosidade.

No *Novo Aurélio Século XXI*:

4. Disposição de espírito (...)

⁷ *Sehnsucht* pode ser na verdade até mais do que a saudade, pois pode ser “saudade” do que nunca se viu. *Heimweh* é a saudade de casa, da família ou da terra natal.

5. Veia cômica; graça, espírito

6. Capacidade de perceber, apreciar ou expressar o que é cômico ou divertido.

Nota-se que o humor é compreendido tanto como a capacidade de perceber e criar o cômico como também o estado passageiro de ânimo – ligado aos humores corpóreos já identificados na Antiguidade Clássica. Uma pessoa sem humor seria, portanto, alguém que não se sentiria „bem disposta“ e, por conseguinte, de difícil relacionamento. O „mau humor“ é algo mal visto na sociedade brasileira, pois fere nossa tendência à cordialidade⁸. O (bom) humor seria então uma característica desejada pela sociedade brasileira.

Já em alemão, encontramos dois substantivos para expressar esses dois sentidos do vocábulo português: *Humor* e *Laune*. *Humor* seria a capacidade de ver a vida com bom humor, não ligando para dificuldades e contratemplos, uma característica pessoal (ser bem humorado, ter senso de humor). O dicionário alemão também lista a acepção que mais nos interessa: característica específica de uma determinada região, p.ex. *der Kölner Humor*, humor típico da cidade de Colônia, i.e. o humor como algo específico de uma comunidade, de uma determinada sociedade, que teria características próprias, em princípio bem delimitadas.

O vocábulo *Laune*, por sua vez, ele também de origem latina (de *luna*) como *Humor*, se refere ao estado de espírito passageiro de cada um – como as fases da lua - que pode ser traduzido por „estar de bom ou mau humor“ (*schlecht und gut gelaunt*).

Pode-se dizer que no Brasil o humor é entendido como característica intrínseca que se tem (ter senso de humor) mas que também se pode ser ou estar (bem ou mau humorado). Na Alemanha, pelo contrário, o *Humor* é algo que não é considerado tão importante no relacionamento interpessoal em sociedade e é diferente do mau/bom humor (*Laune*). Humor e mau/bom-humor são então de

⁸ Note-se a importância do bom humor no seguinte texto dedicado ao relacionamento interpessoal no trabalho: “E se você quer realmente manter a boa convivência no trabalho e se preocupa em preservar sua imagem, não exagere no tom de voz e maneire nos gestos. Saiba ouvir, evite excesso de familiaridade (ou de franqueza), fofocas, reclamações e indiscrições. **Também não há quem agüente mau humor, puxa-saquismo e autopromoção**”. Disponível em:

http://www.rhportal.com.br/artigos/wmview.php?idc_cad=w559sqnwl . Acesso 19/03/2011.

fato indissociáveis na cultura „cordial“ brasileira, enquanto que a cultura alemã consegue separar as duas coisas de forma mais clara.

4.5

Humor und Witz, humor e graça

A palavra *Witz* em alemão, relacionada etimologicamente com *wit* em inglês, possui duas acepções: graça, a característica de ser engraçado, espirituoso⁹ e piada. *Witz* no sentido de piada não será objeto de nosso estudo, pois - como já foi demonstrado por Freund (1996) e Possenti (2005) - a dinâmica da piada poderia ser explicada psicológica e/ou linguisticamente, apenas os conteúdos das mesmas variariam de cultura para cultura, ainda que haja temas por assim dizer universais – ou que estão se tornando universais¹⁰. Segundo Possenti (2005 : 42):

Então, as piadas são culturais. Isto é certo, mas esse traço não separa as piadas de nenhum tipo de texto, nem de outra coisa qualquer, não contribuindo, portanto, para sua explicação ou caracterização. Se se quiser ficar nesse domínio, é necessário explicitar quais fatores culturais são relevantes para quais aspectos das piadas e, principalmente, quais fatores culturais distinguem piadas produzidas num país ou numa cultura das piadas produzidas em outro país ou em outra cultura. Caso contrário, trata-se apenas de um chavão inútil.

Para Röhrich (1977 : 10), a piada faz parte da cultura atual de todas as sociedades: “Der Witz hat seinen festen Platz in der modernen Industriegesellschaft der Gegenwart“¹¹. Segundo Spier (2005 : 13-14):

Aquilo do que se ri está sujeito a mudanças: na Alemanha do pós-guerra ria-se de piadas (em caricaturas) de naufragos em ilhas desertas com uma palmeira, sobre missionários e loiras peitudas em caldeirões de canibais. (...) Os temas das piadas saem de situações cotidianas. Um bom exemplo disso são as piadas de sogra. Até os anos 50 e 60 do século 20, elas eram muito populares. O motivo era o modo de vida muito próximo dos membros das famílias (depois da guerra inclusive literalmente, pela falta de espaço) e a intromissão crônica da mãe de um dos cônjuges na vida do casal. Como situação de moradia melhorou com o passar dos tempos e a coesão familiar também não é mais tão presente, esse tipo de piadas

⁹ No dicionário Duden: *Gabe, sich geistreich, witzig, in Witz zu äußern*. Trad: Dom de se expressar de maneira engraçada e espirituosa e por meio de piadas.

¹⁰ Não é descabido citar aqui o fato de várias piadas circularem na internet em várias línguas.

¹¹ A piada tem seu lugar garantido na moderna sociedade industrial dos nossos dias.

praticamente morreu. Nos países da antiga União Soviética porém, elas são ainda populares.¹²

Spier nos fornece um valioso dado para a pesquisa quando se refere em outro trecho de seu livro às piadas de sogras, pois revela que a estrutura das famílias alemãs mudou bastante desde o final da Segunda Grande Guerra para cá. As famílias alemãs já não teriam uma coesão, uma ligação tão forte entre seus membros, como ainda se afirma ser típico da família brasileira. Os temas das piadas variam então no espaço, entre culturas diferentes e no tempo, dentro de uma mesma cultura. O que interessa à presente pesquisa é, no entanto, o *Witz* no sentido de graça, como é entendido por Otto Best em sua já citada obra *Volk ohne Witz – Über ein deutsches Defizit*. (Povo sem graça – sobre um déficit alemão). Os alemães seriam „sem graça“ em bom português? Segundo Best, faltaria aos alemães espontaneidade e „senso de humor“, *Spaßgeist*. Segundo Faust (2011) em seu estudo sobre as qualidades terapêuticas do riso. Os alemães parecem ser os maiores críticos de si mesmos. Obviamente, os alemães riem, como todos os povos. Se há alguma mudança nesse déficit, veremos mais adiante:

O alemão não tem humor – diz-se... Todo mundo sabe ou acredita saber: O humor alemão é modesto. A hilaridade alemã não seria p.ex. em nada comparável ao humor inglês ou ao temperamento dos povos mediterrâneos. Estrangeiros que estudaram a fundo a “alma alemã” afirmam em sua grande maioria, que a expressão idiomática mais importante em alemão seria: “deixando a brincadeira de lado...” Deixando a brincadeira de lado, tem algo de verdade nisso. É verdade que nem todo mundo que quer “rir tem que correr para se esconder no porão”, como se costuma afirmar de nós alemães, mas humor, hilaridade, e principalmente rir não fazem parte de nossos pontos fortes, pelo menos não na comparação com outros países, afirma-se. E quem diz isso? Principalmente os alemães.¹³

¹² Worüber man lacht, ist Wandlungen unterworfen: Im Deutschland der Nachkriegszeit lachte man über (Bild-)Witze mit den Schiffbrüchigen auf der einsamen Insel mit Palme, über den Missionar oder die vollbusige Blondine im Kochtopf vom Kannibalen. (...) Die Themen von Witzen entstammen Lebensumständen. Ein gutes Beispiel dafür sind die Schwiegermutterwitze. Bis in die 50er und 60er Jahre des 20. Jahrhunderts waren sie in Deutschland sehr beliebt. Der Grund war das traditionelle enge (nach dem Krieg häufig auch räumlich beengte) Zusammenleben mit den Angehörigen und das chronische Sich-Einmischen der Mutter eines der Ehepartner in die Angelegenheiten des Ehepaares. Weil sich die Wohnsituation im Laufe der Jahre verbesserte und weil der enge Familienzusammenhalt keine Selbstverständlichkeit mehr darstellt, ist dieser Typ Witze in Deutschland praktisch ausgestorben. Dagegen sind Schwiegermutterwitze heute noch in den Ländern der ehemaligen Sowjetunion beliebt.

¹³ Der Deutsche ist humorlos – sagt man... Jeder weiß oder glaubt zu wissen: Der deutsche Humor hält sich in Grenzen. Die Heiterkeit der deutschen Wesensart sei beispielsweise mit englischem